

**Vestígios da Memória: o cemitério de escravos da Freguesia de Nossa
Senhora da Conceição de Vassouras, 1848-1888.**

Magno Fonseca Borges¹

Thiago de Souza dos Reis²

Em 1834, a mesa da Irmandade de Nossa Senhora da Conceição designou o terreno localizado atrás da Igreja principal – hoje praça Sebastião de Lacerda – para edificar o cemitério da Irmandade.³ Provavelmente por falta de espaço, alguns anos mais tarde o Cemitério é transferido para um sítio maior, que atualmente se localiza ao final da rua Barão de Massambará, na praça Cristóvão Correa e Castro, edificado desde 1848, como nos leva a concluir a placa afixada no muro frontal.

Desse campo-santo, temos o seguinte relato:

O mais grácil e aprazível dos sítios de Vassouras é o cemitério. Por toda parte há flores de mistura, não a flor tumular amarela e fanada que na Europa mãos avaras deixam cair nos sepulcros como últimas lembranças. Há a flor animada, a flor virente, a flor de brilho e perfume.

Ah! Como compreendem a morte os que a enfeitam como à vida!

Fui muitas vezes a esse campo-santo. Detive-me principalmente por detrás da capela em quiosque, em um terreno baixo e descaldado, onde havia algumas cruzes de madeira. Que me diziam esses túmulos? Um grande drama, o das misérias escravas, uma longa epopéia, a das dores miseráveis. Mortos humildes de sangue negro ou de sangue azul, se aí jazeis, quem quer que sejais, grei do labor e do infortúnio, eu vos saúdo.⁴

Essa passagem, escrita por Charles Ribeyrolles quando da sua visita ao Vale Fluminense do Rio Paraíba do Sul, nos idos dos anos de 1859 e 1860, descreve a impressão do autor sobre o cemitério da cidade de Vassouras.

¹ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (PPGH/UNIRIO). Professor no curso de graduação em História da Universidade Severino Sombra.

² Doutorando do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (PPGH/UNIRIO). Professor no curso de graduação em História da Universidade Estácio de Sá. Professor no curso de graduação em Direito da Universidade Veiga de Almeida.

³ TELLES, Augusto C. da Silva. Vassouras: estudo da construção residencial urbana. In. *Revista do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1967, p 25-42.

⁴ RIBEYROLLES, Charles. *Brasil Pitoresco*. 1º vol. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1980, p. 231.

Nessa visita, Charles Ribeyrolles passou por fazendas de café, algumas no auge da produção. Na cidade de Vassouras, descreve a praça central com seu *chafariz gracioso e esbelto, o hospital da Misericórdia, amplo e magnífico edifício, o casario composto por mais de trezentas casas, das quais algumas bem confortáveis e os pequeninos palácios de alabastro.*⁵ Mas algo em especial lhe chama a atenção: o Cemitério da Irmandade de Nossa Senhora da Conceição – o *mais grácil e aprazível dos sítios de Vassouras.*⁶

No cemitério de poucos anos atrás, visualizávamos a capela citada por Ribeyrolles, dedicada a Nossa Senhora das Dores, na parte mais central do plano do campo-santo, aos fundos desta se encontram alguns túmulos simples e logo após há um terreno mais acidentado, tomado pelo lixo e pelo mato, onde provavelmente estavam os túmulos de escravos, descritos por Ribeyrolles quando de sua visita. Como podemos perceber, a parte descrita por Ribeyrolles destinada ao sepultamento dos escravos, era localizada nos fundos desse terreno, separada da parte reservada a receber as inumações do restante da sociedade. De certo modo, essa divisão dos locais de enterramento dentro do espaço cemiterial, verificada nesse cemitério, refletia a alta hierarquização reinante na sociedade vassourense da época.

Em relação à economia, *a década de 1850 foi a idade de ouro do café, e a sociedade de Vassouras funcionava com base nesse produto.*⁷ Essa afirmação é baseada no fato de que, mesmo após a expansão da cultura do café na década anterior, propiciada pelo amplo comércio de escravos, é somente com o fim do tráfico que se iniciou a prosperidade e a opulência, isso porque os proprietários que haviam se endividado nos anos de tráfico viram o valor de seus escravos aumentar rapidamente a partir de 1852, o que lhes possibilitou aumentar as garantias para novos empréstimos.⁸

⁵ *ibidem*, p. 230-231.

⁶ *ibidem*, p. 231.

⁷ *ibidem*, p. 55.

⁸ *Idem*.

A Vassouras visitada por Ribeyrolles, era na época uma cidade de economia voltada para a exportação do café. Há muitos anos a principal força de trabalho utilizada era o braço escravo.⁹

Ao final da década de 1850, encontrava-se Vassouras em seu apogeu. Contudo, já não existiam as fartas áreas de matas virgens de antes para a expansão da lavoura e já não afluíam massas de trabalhadores escravos para seus campos como antes, devido ao fim do tráfico internacional. Mas a vida social era pujante. Os grandes senhores de terras, proprietários de amplos plantéis de escravos, erguiam as grandes e faustosas sedes de fazenda. Iniciava-se a era dos baronatos. As tensões entre os senhores de escravos e seus cativos mudaram de forma, criaram-se novas formas de relação. A riqueza proveniente do café permitiu que os senhores cedessem diante de algumas reivindicações – poucas é claro, mas significativas – por melhorias nas condições de vida. Os plantéis tomaram nova dinâmica, a crioulização suavizava as discrepâncias anteriores entre os sexos e as idades. A formação de famílias escravas era um fato.¹⁰

Em poucos anos uma nova realidade seria moldada. Já na metade da década de 1860, a população escrava se mobilizava em busca de direitos e de novos espaços dentro da sociedade. Esse movimento, visto que a produção cafeeira encontrava-se em declínio, era maximizado diante da já estreita margem de negociação dos senhores de escravos que já não desfrutavam da situação econômica de antes.¹¹

Ainda com relação ao recorte temporal, vale mencionar que Ricardo Salles emprega uma periodização para o desenvolvimento da cultura do café na região de Vassouras, pela qual denomina o período de tempo espaçado entre os anos de 1866 e 1880 de “grandeza”¹², onde Vassouras experimenta, após seu “apogeu”,

⁹ Cf. STEIN, Stanley J.. *Vassouras: um município brasileiro do café, 1850-1900*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

¹⁰ SALLES, Ricardo. *E o Vale era o escravo. Vassouras, século XIX. Senhores e escravos no coração do Império*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008. p. 94-95.

¹¹ Ricardo Salles, op. cit. p. 96.

¹² O termo “grandeza” foi primeiramente utilizado por Robert Slenes em um trabalho no qual problematiza a questão da decadência da cultura cafeeira no Vale do Paraíba nos idos de 1870. Cf SLENES, Robert. Grandeza ou decadência? O Mercado de escravos e a economia cafeeira da província do Rio de Janeiro, 1850-1888. In Iraci del Nero da Costa. *História econômica e demográfica*. São Paulo: IPE/USP, 1986.

um lento declínio na produção de café, este decorrente do envelhecimento das lavouras já estabelecidas, da inexistência de áreas de matas virgens para o plantio de novas mudas e da mudança dos interesses dos grandes proprietários, cada vez mais interessados pela vida na Corte. Contudo, mesmo diante desses percalços e de outros mais, como a crescente busca dos escravos por novos espaços sociais e de direitos, o conjunto da produção de café ainda se mostrava eficiente e lucrativo, principalmente diante da perspectiva, em tempos de proibição do tráfico internacional de escravos, da auto-reprodução natural da população escrava.¹³

Diante desse intenso crescimento da economia vassourense, o Cemitério da Irmandade protagonizou um importante papel como local de enterramento de escravos. Dos 1016 enterramentos de escravos registrados entre 1865 e 1888, é possível que quase a metade tenha sido realizada no dito cemitério.

Contudo, as imagens do ano de 2007, que apresentamos ao final de nosso trabalho, demonstram que aquele espaço esteve tomado pelo lixo e pelo mato. Além disso, a memória local e os estudos sobre a sociedade vassourense parecem ignorar essa outra função daquele espaço cemiterial, preferindo “lembrar” apenas dos túmulos dos barões e de seus familiares ilustres.

Dessa maneira, após a abolição da escravidão, parece que a memória do lugar como cemitério que recebeu inumações de escravos parece ser renegada. O cemitério de escravos vassourense foi esquecido.

É necessário que os pesquisadores dêem uma atenção especial a esse campo-santo, promovendo o resgate de sua memória, o que ampliará os resultados das pesquisas sobre a escravidão naquela cidade.

Reconhecemos, que no caso do cemitério vassourense, ainda nos falta identificar as relações de força e os motivos por trás do esquecimento da área destinada aos escravos, possivelmente essa lacuna será sanada no desenvolvimento da pesquisa. Contudo, esse trabalho antes de tudo é uma

¹³ Ricardo Salles, op. cit. p. 94 – 96.

proposta. Proposta de resgate da memória do Cemitério da Irmandade de Nossa Senhora da Conceição como um cemitério também de escravos.



Alameda central do cemitério. Ao fundo a Capela de Nossa Senhora das Dores.¹⁴

¹⁴ Acervo pessoal dos autores. 15/05/2007.



Continuação da alameda central do Cemitério por detrás da Capela. Ao fundo, provável localização do terreno acidentado descrito por Ribeyrolles onde eram enterrados os escravos.¹⁵



Parte posterior do Cemitério. Provável lugar dos sepultamentos dos escravos.¹⁶

¹⁵ Acervo pessoal dos autores. 15/05/2007.

¹⁶ Acervo pessoal dos autores. 15/05/2007.



Vista superior dos fundos do Cemitério. A área tomada pelo mato pode ser o local descrito por Ribeyrolles como sendo para o enterro dos escravos.¹⁷

Referências:

FEBVRE, Lucien. *Combates pela história*. Lisboa: Editorial Presença, 1989.

KARASCH, Mary C. *A vida dos escravos no Rio de Janeiro (1808-1850)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 50.

LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In: LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Ed. Unicamp, 2003, p. 535-549.

NORA, Pierre. *Entre Memória e História: a problemática dos lugares*. Revista de Estudos pós-graduados em História. São Paulo: PUC São Paulo, 1993.

PEREIRA, Júlio César Medeiros da Silva. Os pretos novos que não chegaram a velhos. In: *Revista Nossa História*. Rio de Janeiro: Editora Vera Cruz, julho de 2006. p.74-77.

_____. *Os pretos novos que não chegaram a velhos: morte e sepultamento de escravos recém chegados de África, no Rio de Janeiro do século XIX*. In: XXIII Simpósio Nacional de História (ANPUH) - História: Guerra e paz, 2005, Londrina - Paraná. XXIII Simpósio Nacional de História, 2005.

¹⁷ Acervo pessoal dos autores. 15/05/2007.



Planta da Cidade de Vassouras, de 1858-1861, anexa à Carta Chorographica da Província do Rio de Janeiro de 1861 In. TELLES, Augusto C. da Silva. Vassouras: estudo da construção residencial urbana. In. Revista do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1967, p 25-42.

POLLACK, Michel. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, RJ, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

REIS, João José. *A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

REIS, Thiago de Souza dos. *Livro de Óbitos de Captivos da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Vassouras: um estudo demográfico, 1865-1888*. Monografia de final de curso. Rio de Janeiro: UNIRIO, mimeo., 2007.

RIBEYROLLES, Charles. *Brasil Pitoresco*. 1º vol. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1980, p. 231.

RODRIGUES, Cláudia. *Lugares dos mortos na cidade dos vivos: tradições e transformações fúnebres no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1997.

SALLES, Ricardo. *E o Vale era o escravo*. Vassouras, século XIX. Senhores e escravos no coração do Império. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

SLENES, Robert. Grandeza ou decadência? O Mercado de escravos e a economia cafeeira da província do Rio de Janeiro, 1850-1888. In Iraci del Nero da Costa. *História econômica e demográfica*. São Paulo: IPE/USP, 1986.

STEIN, Stanley J.. *Vassouras: um município brasileiro do café, 1850-1900*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

TELLES, Augusto C. da Silva. Vassouras: estudo da construção residencial urbana. In. *Revista do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1967, p 25-42.